

VILEM FLUSSER

## JUDAISMO COMO ANTI-PAGANISMO

Quem, como o presente articulista, está em posição ambivalente face ao judaísmo, (estando ligado a ele pelo destino e desligado dele pela vivência) pode almejar uma visão despreendida sobre ele. Trata-se, por certo, de meta dificilmente alcançável. Estamos: todos empenhados no judaísmo, não somente os que descendem de judeus, mas todos os ocidentais. Entretanto é o despreendimento uma posição a ser procurada sempre, se quisermos conquistar "conhecimentos objetivos".

Visto assim, "sine ira et studio", oferece o judaísmo dois aspectos descomuns: a sua origem mítica e a sua continuidade, persistente. Limitarei as minhas considerações ao primeiro aspecto. O judaísmo surgiu "in illo tempore", no curso de uma série de contactos violentos entre o homem e o "Sou quem Sou". É uma série de irrupções do totalmente diferente ("das ganz Andersan") sobre pessoas humanas (Abraão, Jacó, Moisés, os profetas). O conjunto dos mitos que formam esses encontros, e a posterior ritualização desses mitos forma o rio poderoso do judaísmo. Este, por sua vez, desemboca no oceano da civilização ocidental, sem, paradoxalmente, perder a sua individualidade dentro desse oceano. Nesses mitos o "Sou Quem Sou" (a "realidade") revela em linguagem simbólica um dos seus aspectos. Nós ocidentais somos obrigados a aceitar essa revelação, não temos liberdade autêntica para recusá-la. Nossas mentes foram profetizadas por essa revelação, são realizações de um projeto confiado nos mitos que deram origem ao judaísmo. Queramos ou não, como ocidentais somos judeus. Podemos tentar, como Nietzsche, arrancar as nossas raízes judaicas para destruí-las, revalorizar os nossos valores, e proclamar aos quatro ventos que Deus morreu. Mas essa própria revolução implica o projeto judaico que somos. Em sua análise penetrante de Nietzsche, Heidegger não deixa margem à dúvida quanto a isto.

Qual é o aspecto da "realidade" revelando nos mitos que constituem o judaísmo? Qual é a "epifania" do judaísmo? Para caracterizá-la, compará-la, com epifanias alheias, por exemplo à olímpica, à egípcia, à hindu, enfim a pagã. O "paganismo" é a revelação do Divino na natureza. Todo animal, toda árvore, toda fonte, toda colina revela um "deus" se sorvida e absorvida pelo "iniciado". A natureza está cheia de presença Divina. No curso da festa pagã essa presença se revela ao homem que se funde or-

gasticamente com a natureza. Cada coisa da natureza revela um aspecto diferente do Divino omnipresente. A Terra é o colo fértil e materno do qual surgimos e para o qual voltaremos, é a Grande Mãe omnipresente. O Céu é o poder paterno frutificante que nos gerou e que nos destruirá, é o Jovis Pater omnipresente. O Oceano é elemento primordial ("Hydor men ariston") do qual surgimos, e do qual surgiu Aphrodité, a nascida da espuma (Anádiomene), a Beleza que tudo abrange. Toda coisa revela o mundo inteiro. Toda coisa abrange todas as coisas. O homem, quando se submete humildemente às coisas, quando as adora, quando é "superficioso" no sentido clássico desta palavra, comunica com o Todo, ("Pan") com o "Um" parmenidiano. O paganismo é fundamentalmente monoteísmo. Procura o Ser (to on) nos seres (ta onta).

A revelação que constitui o fundamento do judaísmo, e com isto do Ocidente, se opõe diametralmente a esta visão das coisas. A sua vivência da natureza é totalmente alheia à orgia pagã. Opõe à natureza uma ordem "sobrenatural". A natureza, longe de ser a presença do Divino, é uma criação do Divino. Foi criada e será superada na plenitude dos tempos. A natureza é temporal, com efeito é efêmera. Tem "história". O Divino é intemporal, é o "Eterno". A ordem "sobrenatural", intemporal, representa a realidade verdadeira, em oposição à natureza que não passa de "obra". Imaginar o Divino nas coisas da natureza é portanto um "pecado", uma blasfêmia proibida nos Dez Mandamentos. É preciso superar a natureza, é preciso "governá-la". A ordem sobrenatural que representa a realidade verdadeira é espiritual, é "pensamento". É preciso governar a natureza pelo pensamento. O Divino se realça pensando. O homem, como ser pensante, participa da realidade sobrenatural. Com efeito, sendo "pensamento" dístico com "língua" é o Divino inimaginável, mas é audível. Deus fala ("omer omar vaomer Adonai). O homem escuta e obedece (chemá Israel). Deus é uma palavra, um Nome (hassem hacadoch, logos). Governar a natureza significa submetê-la à ordem sobrenatural do pensamento, à ordem da língua. É operar dentro da natureza os mandamentos Divinos (mitsvot, opera). É conservar fidelidade à ordem sobrenatural dentro da natureza (sé emuna, fides). Governando a natureza o homem governa uma parte de si mesmo (adamá, caro) graças à sua parte verdadeiramente divina (nefech, ânimo). Nessa obra o homem é inspirado pelo

# 5724

Mais um ano de lutas, perseverança e progresso, vai se findando no laborioso Estado de Israel. E no limiar do ROSH HASHANAH, a

## SAS

une-se, às comemorações da comunidade israelita, em resposta ao "toque de reunir" que ecoa do jovem Estado, para saudar com justificadas esperanças, o Novo Ano que ora tem início.

**SCANDINAVIAN AIRLINES SYSTEM**

As Nações Unidas do Ar

lito espiritual Divino (ruach, pneuma, spiritus sanctus). Nessa obra pode contar, portanto, com a assistência Divina (reza tefilá, gratia). Esta é a verdadeira missão do homem dentro da natureza. Agostinho a define maravilhosamente: "Deus atque animam cognoscere cupisco. Nihilne plus? Nihil" (Deus e a alma desejo ardentemente conhecer. Nada mais? Nada.)

Esta é portanto a revelação fundamental do judaísmo: a oposição da ordem espiritual à ordem da natureza. A natureza é objeto do espírito. O espírito é sujeito. A ordem espiritual é a ordem linguística, é lógica, é "davar, verbum". "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". A praxis do homem; (a soma das suas "mitsvót") é a articulação da natureza de acordo com o Verbo Divino. A praxis do homem é a encarnação do Verbo Divino na natureza. O Verbo encarnado é a meta do judaísmo. É a submissão total, (portanto re- denção total) da natureza.

Essa praxis resultou na civilização ocidental. Resultou no cristianismo, resultou no humanismo, resultou na ciência; resultou na industrialização, resultou na transformação da natureza em parque, industrial, e das coisas da natureza em instrumentos. O ins-

trumento é a coisa humilhada, profanada, submetida à ordem sobrenatural do pensamento, é a coisa articulada de acordo com o Verbo Divino. O instrumento é o contrário do ídolo pagão. O instrumento é o paganismo vencido, é o judaísmo triunfante. A transformação das coisas em instrumentos é a realização do judaísmo. A história do Ocidente é a história da profanação da natureza e da secularização do pensamento. O "cogito" cartesiano é o grito triunfal do pensamento sobre a "res extensa", do judaísmo sobre o paganismo. É a vitória da palavra.

Houve revoltas contra essa vitória. Houve tentativas de ressuscitar o paganismo. Mas falharam, como tiveram necessariamente que falhar. A revolta Schopenhaueriana resultou em pessimismo. A revolta nietzscheana resultou na loucura, na "loucura" da qual Nietzsche se assinava "Christus Imperator". A revolta bergsoniana resultou no batismo. Não é possível, para nós ocidentais, abandonar a revelação do judaísmo. Não é possível trair o espírito e reconquistar o sacramento das coisas. Para nós o sacro é definitivamente o espírito, o Verbo. A nossa dignidade como homens reside em nossa  
(Continua na pag. 4)

### Vilém Flusser: "Judaísmo como Anti-Paganismo" (Conclusão da pág. 3)

dignidade como seres pensantes. Como tais estamos irrevogavelmente opostos à natureza, alienados da natureza, "transcendemos" a natureza. Como seres pensantes estamos opostos àquilo que Schopenhauer chamava de "vontade", que Bergson chamava de "élan vital" e que os pensadores existenciais chamam de "Dasein". O pensamento, sendo sobrenatural no sentido judaico, é inimigo da "vida" no sentido pagão dessa palavra. O pensamento é um manipular das coisas. O pensamento é a profanação das coisas. O pensamento é a suprema "mitsva". O pensamento é um serviço ao Divino ("Gottesdienst") no sentido judaico.

Embora seja o pensamento uma humilhação das coisas, é ele um humilhar-se do homem face ao "Sou Quem Sou". Pensando o homem adora a "realidade" sobrenatural. O pensamento é uma única reza gigantesca. É uma resposta "techuvá" à provocação (sh'má) do Nome (hashém). O pensamento é justo (tsedá) não porque é adequado à coisa (adequatio intellectus ad rem) mas porque é adequado ao Nome. O pensamento é portanto uma reza, uma resposta e uma justiça (tsellá, techuvá, tsedacá). O pensamento é nossa dignidade e nossa honestidade (no sentido camusiano).

A exuberância orgástica da vida pagã é a verdadeira. Temos, em compensação, a aventura do pensamento. Pelo pensamento superamos a temporalidade da natureza e superamos a morte. "Was in schwankender Erscheinung schwebt, befestiget mit dauernden Gedanken" (Fausto), (o que paira em aparição flutuante, consolida com pensamentos duráveis). O pensamento, participando da ordem sobrenatural, é eterno. Superar a morte. O pensamento é uma organização de palavras. O pensamento é uma reza. Participando na conversação, estamos superando a morte. Participando

na conversação, estamos superando a nossa condição "natural" de mortais. A conversação é a superação da condição humana. É portanto absurda. O pensamento é um esforço absurdo do homem de superar a sua própria condição e participar da Eternidade. A língua é o esforço absurdo do homem de articular o inarticulável, é uma resposta absurda à provocação Divina. E essa absurdidade reside a dignidade humana.

A revelação fundamental do judaísmo, pondo o homem em oposição à natureza e fazendo participá-lo da ordem sobrenatural, é absurda. É justamente por isto que é uma revelação autêntica. A absurdidade, o paradoxo, é o sinal da autenticidade. E na absurdidade, é no paradoxo, que o "totalmente diferente" aparece. O judaísmo é uma religião autêntica, porque absurda. Deve ser aceita com fé. Querendo transformar o judaísmo em "religião da razão" é portanto tentativa desesperada; judaísmo é uma religião da "razão", no sentido de apor a razão à natureza. Mas o judaísmo é irracional no sentido de conceder primazia ontológica em detrimento da natureza. O judaísmo é uma fé irracional, absurda, na razão. Toda tentativa de racionalizar essa fé resulta na desautenticação do judaísmo.

Como ocidentais participamos todos dessa fé. Aceitamos irrevogavelmente os mitos dos quais surgiu. Podemos não participar dos ritos e das festas nos quais os mitos se realizam. Podemos participar de outros ritos e de outras festas que realizam os mesmos mitos (cristianismo, socialismo) ou podemos recusar a participação em qualquer rito. Mas não podemos fugir aos mitos. Não podemos fugir ao judaísmo, sob pena de ficarmos excluídos da conversação ocidental.

Da autoria de Vilém Flusser sairá, em breve, um livro "Lingua e Realidade".



**LIVRARIA TRIÂNGULO  
LTDA**

**RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 255**

(Dom José de Barros, 71)

**SÃO PAULO**

**GALERIA CALIFORNIA - Lojas 23 - 24**

**LITERATURA**

**CIÊNCIAS**

**ARTE**

**32-2732**

**TÉCNICA**

**36-7060**

**ENCADERNAÇÕES**

**ASSINATURAS**